

O imaginário da violência no jornal *O Progresso* (MA)¹

Laura Glapinski ZACCA²
Letícia Feitosa BARRETO³
Denise Cristina Ayres GOMES⁴

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

O artigo discute a dimensão imaginária da violência a partir do discurso jornalístico de *O Progresso* (OP). Fundado em 1970, o jornal assume lugar de destaque na produção do discurso que fundamenta a modernização da cidade. *O Progresso* encena a violência ao relatar e opinar sobre os crimes, ao mesmo tempo em que procura afirmar que se trata de um fenômeno natural. O veículo reitera a mitologia profissional ao se colocar como instância neutra, mediadora dos fatos e o público. Utilizamos a pesquisa bibliográfica, documental e a abordagem qualitativa das teorias do imaginário (MAFFESOLI, 1987; 2001; 2001a; 2003; SILVA, 2012). O *corpus* é composto por 79 ocorrências dos anos de 1970 e 1971. *O Progresso* parte da realidade factual, mas utiliza técnicas para elaborar o discurso que, posto em circulação, produz imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; imaginário; violência

1. Introdução

O artigo busca discutir como a violência foi imbricada a um imaginário produzido pelo jornal maranhense de circulação regional, *O Progresso* (OP), no contexto de modernização de Imperatriz na década de 1970. A cidade passava por um processo de expansão, resultado dos projetos desenvolvimentistas iniciados em 1960 na Amazônia Legal que atraíram grandes fluxos migratórios. A cidade se transforma

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação. 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMA/Imperatriz, email:lauraa.zacca@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMA/Imperatriz, email: leticiafeitosabarreto@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da UFMA/Imperatriz, email: dayres42@gmail.com

radicalmente e vai perdendo o caráter rural para dar lugar à explosão demográfica, à urbanização desordenada e, conseqüentemente, à violência.

O Progresso inicia as atividades em 3 de maio de 1970 e assume lugar de destaque na produção do discurso que fundamenta a modernização da cidade. O próprio veículo sintetiza os valores modernos e funciona como dispositivo moralizante, julgando as condutas dos cidadãos a serviço da ordem e do desenvolvimento.

Além da função pragmática de informar, o jornal promove valores e crenças em torno de uma cidade que se transforma e paira como ideal desejado, sonhado, ao mesmo tempo em que encena a violência. Daí afirmarmos que o jornalismo é uma “tecnologia do imaginário” (SILVA, 2012), traduz o imaginário em narrativa, promove interação, cria vínculos e naturaliza modos de ser que se espriam no social. O discurso se abre a uma multiplicidade de sentidos que ultrapassam a esfera racional, o controle e despertam sensações que tendem a atuar na esfera prática.

Selecionamos 79 ocorrências entre matérias, colunas e notas que tratam da violência e ainda os editoriais dos anos de 1970 e 1971. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e a abordagem qualitativa das teorias do imaginário (MAFFESOLI, 1987; 2001; 2001a; 2003), bem como a noção de tecnologias do imaginário (SILVA, 2012).

2. *O Progresso* e a violência

O semanário *O Progresso* exerce a função de mediador entre os fatos e o público, mas a atuação não é neutra e imparcial. O jornal se coloca a tarefa de ser um agente propulsor do desenvolvimento e símbolo da evolução cultural do povo e se dedica a construir uma imagem positiva de Imperatriz, tentando evidenciar o potencial da cidade como futura metrópole.

Ao apresentar o local como moderno e civilizado, o discurso do jornal se mostra contraditório. Os editoriais e colunas procuram justificar a violência como um fenômeno comum das regiões que se desenvolvem e ainda criticam os jornais de São Luís por noticiarem a violência em Imperatriz. Os textos opinativos procuram combater a fama de “terra de pistoleiros” dada pelos veículos da capital e evidenciam as promessas de melhorias feitas pelo então governador Pedro Neiva de Santana, a fim de afastar a desconfiança geral.

De outro modo, o semanário evidencia os fatos criminais, critica a falta de organização da cidade e pede providências às autoridades. Ao abordar as transgressões, *OP* reitera a norma e delimita grupos e locais que oferecem risco à população. É nesse espaço discursivo que os excluídos se tornam protagonistas da cena social.

Em outras palavras, é o espaço em que figuram como personagens centrais e atuantes aqueles cujo aparecimento no resto do jornal é impossível ou secundário. Pois em relação ao espaço total do jornal, eles são “desviantes”: marginais, ladrões, assassinos, traficantes, desonestos, homossexuais, prostitutas, menores delinquentes, em grupo, organizados ou individualmente. [...]. (SERRA, 1980, p. 19).

Alguns grupos ou indivíduos são responsabilizados pelo crimes, sempre tratados de forma pontual e descontextualizada. Os desvios não são atribuídos a um conflito social maior. A política desenvolvimentista do governo federal, as disputas por terras, a exploração de recursos naturais, a ocupação desordenada e a omissão das autoridades são desconsiderados como fatores sociais que contribuem para a violência. No entanto, o jornal opta em narrar histórias particulares como forma de criar identificação e emocionar o público.

Em algumas ocorrências, observa-se o uso do humor como recurso para atrair a atenção do leitor. Esse expediente acaba obscurecendo o senso crítico do público e o diverte, provocando uma espécie de catarse, liberando pulsões reprimidas. A tragédia, a morte e a violência são amenizadas devido à linguagem satírica e popular, que busca aproximar-se do leitor. (ANGRIMANI, 1994).

2. O Progresso e a mitologia profissional

O jornalismo possui a herança positivista herdada do século XIX. Os ideais de objetividade, neutralidade, a crença na razão, o apego a dados e a busca da precisão se constituem em princípios que embasam os procedimentos da profissão. A atividade traduz uma forma de conceber o mundo, produz imaginário e cria a mitologia da profissão. O jornalismo é oriundo do imaginário moderno e funda-se no “mito da transparência”. O dispositivo se coloca como “espelho” da realidade, simples mediador dos fatos, para obter credibilidade.

Um jornalismo que, fundado no exercício de um discurso de verdade, estruturalmente tendente à proliferação de informação e opinião, parecia ser um

mecanismo criador de transparência, mas resvalava ao reduzir o complexo universo do imaginário social a um real que só poderia resultar deformado. (VOGEL, 2008, p. 5).

A separação entre fato e opinião coloca o jornalista como um comunicador desinteressado, comprometido apenas com a verdade e alheio às pressões. Compromissado com o interesse social, o jornalista teria o dever de observar a realidade de forma isenta e equilibrada. A imagem de mediador entre os fatos e o público integra a mitologia profissional.

[...] A noção-chave desta mitologia é a noção do “comunicador desinteressado”, onde o papel do jornalista é definido como o do observador neutro, desligado dos acontecimentos e cauteloso em não emitir opiniões pessoais. [...]”. (TRAQUINA, 2016, p. 233).

O relato noticioso promove o sentimento de pertença, realçando fatos que dizem respeito à coletividade. As pessoas se interessam por notícias que tenham a ver com a realidade em que vivem. Imperatriz se desenvolve e o grande fluxo migratório complexifica as relações. Os habitantes tendem a perder as referências e necessitam de informações que os orientem e os vinculem diante das mudanças. Para Contrera (2001), esses vínculos são capazes de agregar uma grande quantidade de pessoas por meio de símbolos que estabelecem uma estreita relação entre o emissor e o receptor.

Além do caráter informativo e meramente utilitário, o jornalismo promove relação, partilha entre os membros da comunidade. As pessoas querem se ver no jornal, procuram alguma forma de identificação, ainda que seja no espaço criminal. Os leitores se detêm nas informações que os sensibilizam de alguma forma, provocando empatia.

Por mais que isso horrorize os críticos politicamente corretos, as pessoas não querem só informação na mídia, mas, também e fundamentalmente ver-se, ouvir-se, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem convivem. (MAFFESOLI, 2003, p. 15).

O jornalismo ultrapassa o fato, construindo um discurso que modifica os modos de ser, agir e sentir do meio social. A mídia é uma dimensão constituinte da sociedade que interfere cada vez mais no mundo cotidiano. As próprias definições de realidade se modificam com a ação dos meios que conferem visibilidade e amplificam certos fenômenos, enquanto outros não são divulgados.

3. *O Progresso como tecnologia do imaginário*

O jornalismo parte da realidade factual, mas submete-a a técnicas da profissão para torná-la singular e atrair a atenção e produzir sensações no público. O jornalismo é uma atividade simbólica, transcende o fato para transformá-lo em notícia. O produto tem dimensão social, repercute na esfera prática e exprime valores, crenças, visões de mundo e sentimentos, enfim, integra um estado de espírito que denominamos imaginário.

As pessoas tendem a conceber o jornalismo em oposição ao imaginário. Aquele, baseado no material fático, parece incompatível com algo que remete ao sonho, à falsidade e à imaterialidade. No entanto, compreendemos que a prática jornalística é produto e produtora de imaginário. “Aí está a marca iconoclasta do jornalismo, que foge das imagens porque elas remetem ao inefável, ignorando que é do imaginário que a realidade salta, é para o imaginário que ela corre”. (BARROS, 2007, p. 123).

O jornalismo manifesta o imaginário em narrativa, promove interação, cria vínculos e naturaliza modos de ser que passam a fazer parte do social. O discurso jornalístico, mesmo que apelando para a razão, não é unívoco e possui vários sentidos que ultrapassam a esfera racional. O discurso de *O Progresso* desperta sensações, produz visões de mundo que atuam na realidade. O imaginário “sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo”. (SILVA, 2012, p.12).

A atividade jornalística é um processo sociocultural que instaura sentidos e se reorganiza ao ser confrontado com as especificidades dos fenômenos. Ainda que ancorado na verdade dos fatos, o jornalismo produz versões e algumas se impõem diante de outras. O jornalista não é neutro e interpreta a realidade a partir de vários fatores que interferem na construção da notícia como constrangimentos cognitivos, emocionais, técnicos, organizacionais, profissionais, econômicos e culturais. Além disso, ocorre a atuação do imaginário que combina e extrapola todas essas esferas para figurar como “uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente.” (SILVA, 2012, p. 9).

Compreendemos que o discurso jornalístico reveste o cotidiano de significados, partilhando sentidos que vinculam as pessoas e permitem coesão social. *O Progresso* se constitui uma “tecnologia do imaginário” (SILVA, 2012) porque emprega a técnica própria da profissão para modificar, desvelar e atribuir sentido ao mundo. O imaginário

“sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo”. (SILVA, 2012, p.12). Assim, o dispositivo não é apenas mediador de fatos, como afirma o jornal, mas instância que atua de forma simbólica, produzindo visões de mundo que repercutem no cotidiano.

4. O Imaginário da violência no jornal *O Progresso* (MA)

O semanário sintetiza os valores modernos, resultado do idealismo do proprietário que chegou a rejeitar a ideia do logotipo inicial de *O Progresso* por ser em itálico. Em uma coluna, Kalam Heleuterios conta a história do surgimento do jornal e esclarece que o empresário José Vieira achou que a logotipia em itálico não dialogava com a proposta do semanário. “Não serve. Se ‘O Progresso’ já começa deitado, quem é que vai acreditar nesse progresso?” (HELEUTEROS, 3 mai 1970, p.3). As letras inclinadas remeteriam “a estar deitado” e não dariam credibilidade a um veículo que se propunha a expressar o desenvolvimento.

Os textos opinativos demarcam a função do jornal como um “agente unificador de idéias e costumes” (OP, 03 mai 1970, p.3). *O Progresso* reafirma a mitologia profissional ao exaltar sua atuação imparcial, embora não demonstre rigor na apuração das notícias sobre crimes praticados na cidade. Como ainda não contasse com uma redação profissionalizada e editoriais definidas, *OP* reproduz boletins de ocorrência para narrar as histórias criminais, procedimento que ocorre até os dias atuais.

O jornal reitera a mitologia profissional ao se colocar como instância neutra, mediadora dos fatos e o público. Desse modo, o veículo reproduziria a realidade e seria portador da verdade, além de se posicionar a serviço das camadas populares. “ASSIM como o jornal é u’a máquina, o jornalista também o é” (OP, 06 jun 1971, p. 3), afirma o editorial. O jornal colocou-se como porta-voz do projeto moderno, atuando de forma simbólica para ordenar o espaço urbano.

4.1 *O Progresso* como instância moralizante

Alguns casos são retratados sob o viés sensacionalista e buscam emocionar o leitor com uma narrativa repleta de clichês sobre os envolvidos, apresentando-os como transgressores e, portanto, merecedores dos infortúnios. Na manchete “Deixou a noiva

careca” (OP, 26 jul 1970, p.3), o relato traz como protagonista uma mulher vítima de agressão por parte do companheiro que descobrira ter sido traído durante a lua-de-mel. Partindo de uma visão moralista, o jornal ignora a humilhação vivida por ela e destaca que a lesão sofrida foi por culpa de sua conduta imoral, além de apoiar a atitude do agressor justificando-a como um ato compreensível.

À primeira vista, a história desperta um impulso que leva ao riso devido à maneira como foi escrita, atenuando o grau de seriedade do assunto e minimizando os fatos ocorridos como se fossem mais uma briga de marido e mulher. Como já mencionado no presente artigo, o riso funciona como uma catarse que alivia a tensão e instiga a psique humana obscurecendo o lado racional. Para Angrimani (1994), a capacidade cognitiva de analisar o que é certo ou errado se compromete quando se depara com uma narrativa que atrai primeiro o humor e o envolve a ponto de não compreender a gravidade do que se está lendo.

A matéria intitulada “Mulher mata companheira de cabaré” relata o crime de modo pontual e justifica-o como revanche a uma agressão. Uma das prostitutas é chamada de “mundana” e tem o nome completo publicado, mesmo sendo menor de idade. Além de narrar o crime de maneira sucinta, visto que o fato ocorreu em outro município e não há informações precisas ou fontes citadas, o jornal exhibe a punição. “Há inquerito e Maria José Bandeira está recolhida à cadeia pública;” (OP, 18 abr 1971, p.2). Implicitamente, o semanário reafirma que “o crime não compensa”: uma mulher está morta, a outra na cadeia. O discurso reafirma os valores e regras da sociedade ao assinalar os desvios.



Figura 1 - *O Progresso*, 18 abr 1971, p. 2.

Outro exemplo é a matéria intitulada “Velocidade & Cachaça – Desastre” (OP, 19 set 1971, p.1). O título inusual demonstra a incipiência do semanário quanto às práticas jornalísticas. No entanto, de modo direto e sintético, evidencia que dirigir

alcoolizado redonda em acidente. A transgressão é exibida no jornal, sendo publicados o nome do motorista e até o número da carteira de habilitação do estado da Bahia, constando que o condutor deve ser um migrante.

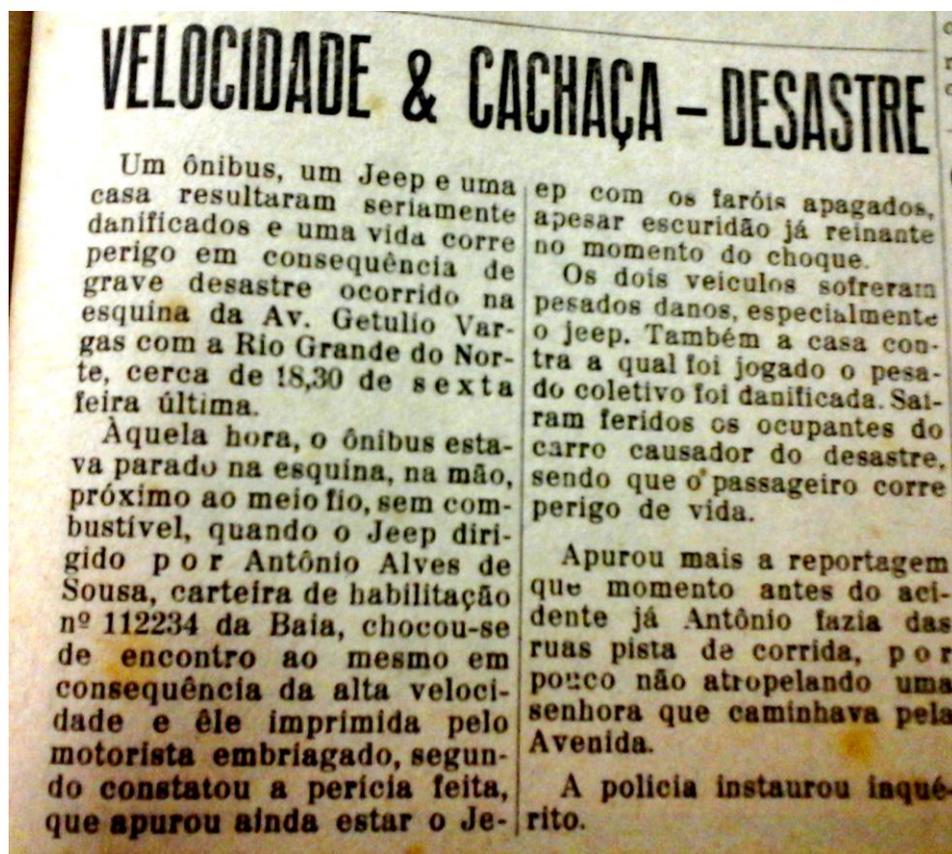


Figura 2 - *O Progresso*, 19 set 1971, p. 1.

O jornal se coloca como porta-voz da população quando destaca o interesse público em torno dos julgamentos ocorridos na Vara Criminal de Imperatriz, afirmando que se trata de um clamor social. No editorial “Um grito de alerta”, o impresso avisa que “quem aqui se insurgir contra a lei, prepare-se para encontrar pela frente a mão firme da justiça” (OP, 14 mar 1971, p.1). O recurso é uma forma de reprimir os desvios e exaltar a punição.

Ao se portar como um dispositivo que preza pela lei, *OP* cumpre o que divulga nos editoriais como sendo “uma constante na vigilância da ordem e do respeito” (OP, 06 jun 1971, p.3). A busca pela obediência às normas está presente também quando o semanário exige providências quanto ao caos no trânsito de Imperatriz, palco de sucessivos atropelamentos e muitas vítimas. “Punam-se os infratores e responsáveis pelos excessos de velocidade, imprudência nos cruzamentos das artérias públicas e pelo abuso de invadirem as calçadas para ‘caçar’ os transeuntes” (OP, 21 mar 1971, p.3).

E ainda, o jornal convoca o leitor a se autogerir, evitando o porte de arma sem autorização e o consumo de álcool. O semanário exerce a função pedagógica de informar o que é contravenção penal, evidenciando o comportamento transgressor. *OP* se coloca como instância moralizante, mostrando aos cidadãos como devem se portar na cidade que se desenvolve e se complexifica. “Portanto, cidadão, cuidado! E lembre-se disto: o homem armado, sem licença, é um infrator da lei. Armado e bêbado ele é um criminoso em potencial”. (*OP*, 03 de maio de 1970, p.1).

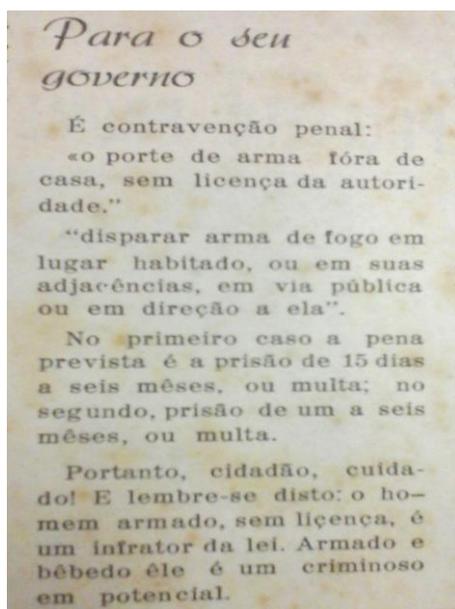


Figura 3 - *O Progresso*, 03 mai 1970, p. 1.

Eivado dos valores modernos, *OP* defende a moral, os princípios do trabalho e do progresso, como o próprio nome do semanário indica. O jornal procura enfatizar a imagem de uma cidade que se desenvolve e é composta por “gente ordeira e trabalhadora, que mesmo contra os desígnios da Ilha [a capital, São Luís], saltou de repente dos últimos escalões para um dos primeiros postos de concêrto (sic) estadual” (*OP*, 27 jun 1971, p.2).

O trecho se refere ao grande crescimento econômico e social proporcionado pela chegada de empreendimentos industriais na cidade como setores do comércio e a construção civil. De pequena cidade do interior, Imperatriz rapidamente se transforma na segunda maior do estado e a população aumenta em 172% (FRANKLIN, 2008).

O semanário rejeita com veemência os rótulos considerados difamatórios e “desprimorosos” publicados na mídia de São Luís. *OP* assegura que se tratam de “julgamentos apressados, partidos de premissas falsas, baseadas, às vezes, numa parcial

e única fonte de informação.” (OP, 27 jun 1971, p.3). Estabelece-se desse modo, um hiato entre o relato dos fatos criminais, e as opiniões que tentam minimizar os acontecimentos.

Na coluna “Imperatriz, o povo e a fama”, Toinho Rodrigues afirma que a reputação de cidade violenta é exagero.

Quando ouço alguém falar que a má fama de Imperatriz em outras plagas, é bem maior da que pensa seu povo, uma dúvida paira em torno de minha mente: Verdade ou exagero? Acabo admitindo a última hipótese [...] (OP, 18 de abril de 1971, p.3)

O autor conta ainda que, quando foi estudar em São Luís, as pessoas tinham medo dele por ser natural de Imperatriz. “[...] os sussurros de ouvido a ouvido começaram a surgir, como se lá estivesse o Django ou mesmo o ‘Homem mau’ de Roberto Carlos”. (RODRIGUES, 18 abr 1971, p.3). Os personagens fictícios tomaram forma no habitante de Imperatriz, demonstrando a eficácia do imaginário em interferir na esfera prática.

Os editoriais e as colunas abordam a criminalidade como algo “normal”, dentro das estatísticas, típica de um município que se desenvolve. “[...] Delimita-se o desvio, a disfunção para melhor tratá-los.[...]” (MAFFESOLI, 1987, p. 16). O jornal afirma em editorial que não reforça a violência. “Não endossamos o crime; nós o lamentamos” (OP, 27 jun 1971, p.3). O texto critica a mídia de São Luís por afirmar que Imperatriz é uma cidade violenta. Tal imagem refletiria o desconhecimento da realidade local.

No título “E a justiça caminha”, o autor da coluna Heliografando chama a atenção para a atuação da justiça ao punir os criminosos, em resposta às críticas negativas de jornais da capital do estado.

E neste ângulo da questão é que aparece o destaque da figura austera, imparcial e provecta do dr. José de Ribamar Fiquene, meritíssimo juiz da Vara Criminal e presidente do Tribunal do Júri em Imperatriz, fazendo prevalecer a Lei acima dos doestos e das calúnias que se pretende infrutiferamente imputar a nossa cidade. (OP, 12 set 1971, p.3).

Por criticar as declarações da mídia da capital, *OP* estimula o sentimento de separação do restante do estado, declarando inúmeras vezes nos textos opinativos que “já é tempo de pedirmos o território tocantino” (OP, 18 abr 1971, p.3). A ideia de se criar um estado autônomo, o Maranhão do Sul, observa-se no início do jornal e se

estende até os dias atuais. Desse modo, o jornal se torna porta-voz do que considera apropriado para o futuro de Imperatriz e justifica ser “o legítimo representante deste poder, queiram ou não queiram”, a fim de trazer a “unificação de toda a família imperatrizense”. (OP, 06 jun 1971, p.3).

Uma das consequências do desenvolvimento é o aumento índices de violência que, alardeados nas páginas do semanário, criam uma atmosfera de medo e desconfiança. As matérias apontam horários perigosos e condutas transgressoras que tendem a interferir no cotidiano. “Quando se esperava que a Vigilância Noturna pusesse um fim a essa onda de assaltos, eis que os guardas não estão dando conta de sua missão que é especialmente a de prevenir. [...]’ (OP, 20 set 1970, p. 2).

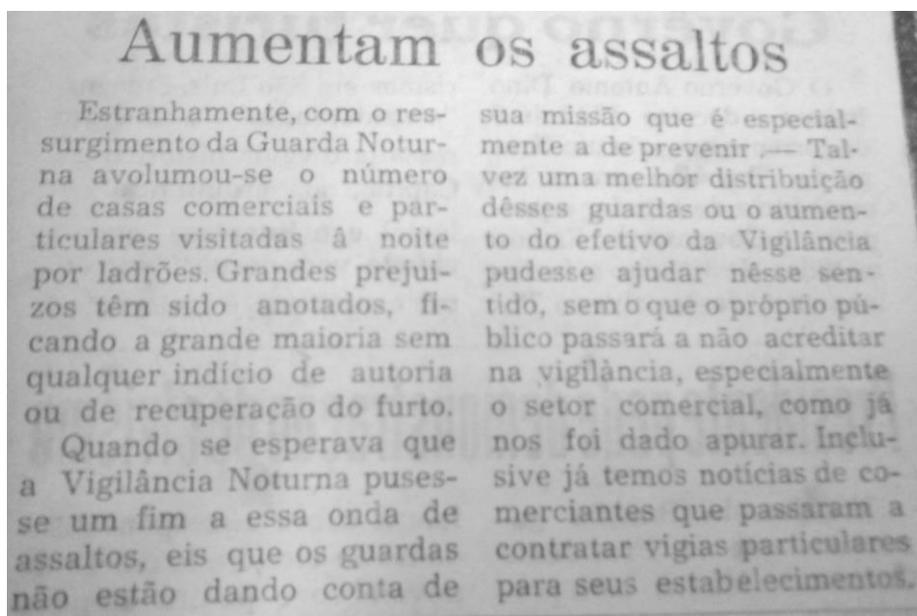


Figura 4 – O Progresso, 20 set 1970, p.2

O dispositivo se calca em técnicas que visam dar transparência à função representativa e simbólica do discurso, conferindo credibilidade às notícias criminais. Observamos que quase todos os relatos são reproduzidos de boletins de ocorrências policiais, prática ainda comum no jornal.

O Progresso atua ainda como instância moralizante, demarcando as condutas desejáveis e as que não se enquadram na sociedade. Neste trecho, a preocupação é com o crime. Até a época de chuvas na região é motivo de preocupação. O chamado “inverno” predisporia as pessoas ao crime. “[...] Os lamaçais, as estradas sinuosas, a

chuva forte, a longa espera do arroz, deixam nas pessoas uma nostalgia perigosa. [...]” (OP, 27 fev 1970, p.2).

Na matéria intitulada “Os abusos continuam na rodoviária”, o jornal destaca os indivíduos perigosos ou indesejáveis que ficam no local, cometem crimes e são ameaça constante aos cidadãos.

[...] apontamos a quem de direito a continuação dos abusos enumerados naquela oportunidade, os quais podem ser aqui novamente citados: a presença de menores de 12 anos naquele recinto, alta noite, de permeio com marginais; a presença diurna de menores que cometem ali toda sorte de abusos; o conluio entre prostitutas e marginais [...]; a presença constante de um leproso naquele Terminal, em contato com balcões de vendas e com passageiros ou mesmo com os menores e até com os vendedores de frutas; e finalmente, a indiferença do policiamento [...] (OP, 26 jun 1970, p.2).

O olhar jornalístico enfoca os indivíduos que não estão de acordo com a ética do trabalho e se constituem entraves ao desenvolvimento de Imperatriz. Assim, os criminosos “infestam a cidade” e precisam ser banidos. O leproso, ainda que não cometa crimes, é indesejável porque não é produtivo e pode contagiar outras pessoas, pondo em risco até as frutas vendidas. Por ser um local de passagem, a ameaça do contágio se torna mais perigosa no terminal.

Considerações finais

O Progresso está eivado dos valores do imaginário moderno, instrumento de objetificação da realidade, portador da verdade, que afirma ser capaz de traduzir os fatos de forma neutra e transparente. Como defensor da ordem e do desenvolvimento, o veículo aborda os crimes e se revela “um mecanismo reformativo” (VOGEL, 2008). O jornal irrompe como espaço de visibilidade e condenação dos crimes.

O dispositivo se calca em técnicas que visam dar transparência à função representativa e simbólica do discurso, conferindo-lhe credibilidade. *O Progresso* reitera a mitologia profissional ao se colocar como instância neutra, mediadora dos fatos e o público. Como vetor de sentidos, o veículo é capaz de criar uma atmosfera que ultrapassa o fato, isto é, produz imaginário.

O jornalismo é uma “tecnologia do imaginário” e cria ambiência, mobilizando instâncias que ultrapassam o racional. Podemos afirmar que *O Progresso* teatraliza a

violência ao relatar e opinar sobre os crimes, transformando-os em um discurso que visa emocionar o leitor. Como ressalta Maffesoli (2001a, p. 177) “todos os aspectos da existência social estão marcados do selo do teatral. Mesmo e incluindo os níveis mais racionais ou os mais sérios [...]”.

A realidade é constituída por algo de imponderável que a ultrapassa; o imaginário. Amparado na técnica, o discurso jornalístico traduz a violência em formas simbólicas que circulam na sociedade e produzem ambiência. Os crimes e as opiniões expressas nas ocorrências mostram o interesse que o assunto desperta. *O Progresso* parte da realidade factual, mas utiliza técnicas para elaborar o discurso que, uma vez posto em circulação, produz ambiência, isto é, imaginário. Daí se afirmar que o imaginário é real.

Referências bibliográficas

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARROS, ANA TAÍS MARTINS PORTANOVA. **Sob o nome de real**: imaginário no jornalismo e no cotidiano. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural. Anablume: Fapesp, 2002.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Vértice, 1987.

_____. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, n.15, p. 74-82, ago 2001.

_____. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001a.

_____. **A comunicação sem fim** (teoria pós-moderna da comunicação). In: **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, n.20, p. 13-20, abr 2003.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. 3. ed.; Porto Alegre: Sulina, 2012.

TRAQUINA, Nelson. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis, Insular, 2016.

SERRA, Antonio. A. **O desvio nosso de cada dia**: a representação do cotidiano num jornal popular. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

VOGEL, Daisi I. **Sobre Foucault e o jornalismo**. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: Umesp, 2008.

Matérias citadas

A MORTE é vida e a seca é o progresso. **O Progresso**. 09 de agosto de 1971. Editorial, p.1

AUMENTAM os assaltos. **O Progresso**. 20 set 1970, p. 2

ATROPELAMENTOS. **O Progresso**. 21 de março de 1971, p. 3

DEIXOU a noiva careca. **O Progresso**. 26 de julho de 1970, p.1

E A JUSTIÇA caminha. **O Progresso**. 12 de setembro de 1971, Coluna Heliografando, p. 3

HELEUTEROS, Kalam. **O Progresso**. 03 maio de 1970, p.2.

MULHER mata companheira de cabaré. **O Progresso**, 18 abr 1971, p. 2.

NOSSA Caminhada. **O Progresso**. 03 de maio de 1970, , p.1

O JULGAMENTO da paixão. **O Progresso**. 27 de junho de 1971, p. 1

O PODER da imprensa. **O Progresso**. 06 de junho de 1971. p.1

OS ABUSOS continuam na rodoviária. **O Progresso**. 26 de junho de 1970, p. 3.

PARA O SEU GOVERNO. **O Progresso**, 03 mai 1970, p. 1.

RODRIGUES, Toinho. Imperatriz, o povo e a fama. **O Progresso**. 18 abr 1971, p. 3).

UM GRITO de alerta. **O Progresso**. 14 de março de 1971. Editorial, p. 1

VELOCIDADE & Cachaça – Desastre. **O Progresso**, 19 set 1971, p. 1